

A Relação entre Fé e Obras

A segunda metade de Tiago 2 constitui uma das seções mais conhecidas e controversas da epístola – mais precisamente, de toda a Bíblia. Na opinião de Martinho Lutero, Tiago se opôs diretamente ao ensino de Paulo sobre a justificação pela fé em Romanos; e, por considerar a doutrina de Paulo a pedra de toque para interpretar o Novo Testamento, Lutero classificou Tiago como um livro canônico de valor inferior – uma “epístola de palha”. No devido momento, examinaremos a relação entre Tiago e Paulo no ensino sobre a justificação.

Não devemos perder de vista a relação desta seção com as partes anteriores da carta. Tiago insistiu que a verdadeira religião se manifesta numa determinada resposta ou atitude. Não é o mero ouvinte que é salvo pela palavra, e sim o praticante. Obras religiosas ou atos de serviço sem o acompanhamento de obras de amor e de vida moral são inúteis (Tiago 1:22–25). A fé em Cristo não se manifesta em quem trata seus semelhantes com parcialidade; se agir assim, o cristão estará pecando (Tiago 2:1–8). Tiago agora mostra que a fé como a atitude fundamental do evangelho deve encontrar expressão nas obras de obediência para que produza salvação ou justificação. Do contrário, é fé morta; e o homem que pensa que essa fé o salvará está enganado. É preciso mais do que fé; as obras devem ajudar a fé a atingir o propósito de justificação. Todavia, não podemos entender a seção 2:14–26 sem sermos lembrados por Tiago, assim como por Paulo, de que a fé é o fundamento ou o alicerce necessário para a salvação.

Alguns questionam se Tiago estava refutando a mensagem de Paulo em Romanos 3–4. Isso dificilmente pode ser verdade, uma vez que aceitamos que ambas as cartas são inspiradas. O Espírito de Deus não refuta a si mesmo. É bastante possível

demonstrar que não há contradição entre o sentido e a aplicação dessas duas passagens. Na opinião de outros estudiosos, Tiago estava corrigindo alguns cristãos do primeiro século sobre o uso incorreto que estavam fazendo do ensino de Paulo. Esta é uma possibilidade. Paulo escreveu a carta aos romanos no ano 58 d.C. e Tiago morreu no início dos anos 60. Sabemos, evidentemente, que alguns ensinamentos de Paulo foram deturpados, como o da graça, que foi usado para ensinar o antinomismo (Romanos 6:1ss.). Assim, alguns talvez estivessem justificando a falta de obediência à lei da liberdade, apegando-se ao ensino de Paulo de que a justificação se dá pelo mérito da fé, desvinculada das obras da lei.

Outros comentaristas, entretanto, acham que é improvável que os cristãos judeus palestinos tenham se apropriado e usado indevidamente a doutrina de Paulo. Acreditam que Tiago está simplesmente escrevendo contra a tendência dos judeus sentirem que sua posição racial e religiosa, que lhes conferia conhecimento e crenças superiores, os colocava numa posição mais favorável perante Deus e, de fato, lhes garantia a salvação mesmo sem responderem adequadamente ao ensino. Era essa a superficialidade que havia sido refutada pelos grandes profetas do Antigo Testamento. Ainda havia esse orgulho e superficialidade em alguns judeus simpatizantes do cristianismo ou convertidos. Nicodemos pensava que, ao aceitar Jesus como mestre vindo da parte de Deus, ele poderia unir forças com Jesus. Mas Jesus lhe ensinou que é preciso nascer de novo até para ver o reino (João 3:1–5). Tiago já tinha mostrado que alguns apreciavam ou ouviam a palavra, mas não a praticavam.

Outra questão frequentemente levantada na introdução a esta passagem é se Tiago está falan-

do do ato inicial de justificação em obediência ao evangelho (tornar-se um cristão) ou dos frutos de boas obras na vida do cristão (como em Tiago 3:17). Essa questão é relevante porque alguns tentam aplicar o princípio de Tiago à discussão sobre o batismo como um ato salvífico de obediência (1 Pedro 3:21; Atos 2:38; Marcos 16:16) para provar que a fé do arrependido precisa ser expressa em uma obra de obediência, visando ao “aperfeiçoamento” e à justificação. Outros argumentam que Paulo tinha ensinado que a justificação é pela fé, sem envolver nenhuma obra de obediência, e que por “justificar” em Tiago 2, o autor se refere “à declaração da justiça” que pertence aos salvos e que ocorre em virtude dessas obras ou por boas obras, as quais são os frutos da fé na vida do cristão, por exemplo, alimentar o faminto e vestir o nu.

Esta questão é um tanto difícil de esclarecer. Ropes defende que Tiago 1:19–21 se refere à atenção do cristão ao conhecimento da palavra de Deus e não à aceitação inicial do evangelho. Ross, porém, aplica a passagem ao ouvir o evangelho como fizeram os bereanos, em Atos 17:11. No parecer de alguns estudiosos, o uso da palavra “justificar” favorece a ideia de obediência primária, mas em uma passagem como Gálatas 5:4, parece referir-se às atividades dos cristãos. Paulo parece falar de “salvação” para os membros da igreja (Filipenses 2:15) como algo vinculado à contínua obediência à vontade de Cristo em todo o curso da vida cristã. Num sentido restrito, a justificação de um cristão ou o perdão do pecado está condicionada no Novo Testamento ao arrependimento e à confissão dos pecados (1 João 1:7–9; Atos 8:22s.). Todavia, a aceitação contínua do cristão pelo Pai está vinculada à frutuosa obediência do cristão à verdade. Sendo assim, realmente faz pouca diferença se a passagem é interpretada desta ou daquela maneira. A salvação de Paulo sem obras incluía a obediência com fé [ou fé obediente] (Romanos 1:5; Gálatas 3:27). Embora pareça que Tiago e Paulo estão usando o termo “obras” de maneiras diferentes, mesmo que Tiago esteja falando das atividades da vida cristã, ele está se referindo ao princípio da justificação, que funciona em ambas as áreas.

¹⁴Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo? ¹⁵Se um irmão ou uma irmã estiverem carecidos de roupa e necessitados do alimento cotidiano, ¹⁶e qualquer dentre vós

lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, sem, contudo, lhes dar o necessário para o corpo, qual é o proveito disso? ¹⁷Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta.

[14] Tiago começa sua refutação à equivocada ideia de que a fé sem obras pode salvar, levantando a questão incisivamente com uma série de perguntas, a fim de declarar a sua posição fundamental de que a fé que não resulta em obras é vã, assim como a religião que não é vivida é vã (1:26).

A pergunta **qual é o proveito?** significa: “De que adianta ao homem?” Compare com o que Jesus disse em Mateus 16:26: “que aproveitará o homem...?” Paulo fez a mesma pergunta sobre seu sofrimento. Se não há ressurreição, “qual é o proveito?” A Septuaginta contém o adjetivo correspondente em Jó 15:3. Não é que não haja proveito na fé. Tiago nunca afirmaria isso. Tampouco ele nega que ninguém pode ter fé sem obras. Mas ele afirma que a fé sozinha não tem proveito para o homem, porque não pode resultar em salvação.

A frase **se alguém disser que tem fé** não implica que Tiago estivesse dizendo: “se alguém afirma ter fé, quando na verdade não tem”. É essencial para o argumento de Tiago que o indivíduo em questão seja um crente que não é praticante. A fé que não é ativa ou operante é indigna desse nome e inútil, mas isso não significa que seja falsa ou hipócrita. A palavra **fé** é introduzida aqui sem a definição de um ingrediente básico da vida cristã. “Crente” é uma expressão frequente na Bíblia para o cristão (Atos 16:1; 1 Timóteo 5:16). Tiago já tinha enfatizado o tema da fé em sua carta (1:3, 6; 2:1). Ele a usa num sentido geral, sem levar em conta as sutilezas ou implicações semânticas (por exemplo, “confiança” ou “perseverança”).

Por **obras**, Tiago se refere a qualquer ato de obediência à lei de Cristo da parte do cristão, mas geralmente o termo se refere a “boas obras” ou “conduta”, os frutos da vida cristã (Mateus 5:16; 23:3; Romanos 2:6; João 3:20). Em Tito 1:16 Paulo usa a mesma palavra para designar a conduta, a qual consiste de um conjunto de ações realizadas em determinado período. Tiago já tinha enfatizado que a palavra da verdade deve ser continuamente ouvida e “praticada”. Ele mencionou especificamente “visitar os órfãos e as viúvas” (1:21, 25, 26). Mais adiante, ele dirá que o professor sábio deve mostrar “em mansidão de sabedoria, mediante condigno proceder, as suas obras” (3:13) e espe-

cificará: “pleno de misericórdia e de bons frutos” (3:17). Por isso, a referência é a essas obras que cumprem a lei da liberdade e pelas quais os homens serão julgados. Tiago usa a mesma palavra que Paulo ao afirmar que não somos justificados por obras (Romanos 3:28; 4:2), porém ele comunica algo totalmente diferente. Paulo quer dizer que obras meritórias, como as realizadas debaixo da lei, não têm relação com o sangue de Cristo e são realizadas como base ou mérito de justificação em si mesmas. Segundo Tiago, a ideia é que um cristão que aceita o sacrifício de Cristo e, consequentemente, tem a justiça de Deus imputada sobre ele, deve viver em obediência por fé à lei de Cristo, manifestando sua fé em obras. Paulo não fez nenhuma objeção a isso. Ele, de fato, insiste nesse mesmo ponto. O cristão deve “desenvolver” a sua salvação (Filipenses 2:12). Ele foi criado para boas obras (Efésios 2:9). Deve apresentar os membros do seu corpo como instrumentos de justiça (Romanos 6:13). Paulo advertiu seus leitores que eram cristãos: “se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte” (Romanos 8:13). O cristão deve dar frutos para Deus (Romanos 7:4). O próprio Paulo cunhou a frase “a obediência por fé” (Romanos 1:5; 16:26). Paulo nunca teria negado que as obras de obediência à lei de Cristo são necessárias para tornar a fé cristã perfeita e capaz de salvar.

Em **semelhante fé**, Tiago usa no texto original um artigo antes da palavra **fé** indicando “o mesmo tipo acima mencionado”, aquela fé sem obras, ou a “fé somente”. E emprega um recurso de oratória [**pode, acaso...?**], a pergunta retórica, cuja resposta esperada é negativa: Tiago está afirmando enfaticamente que essa fé (a fé sem obras) não pode salvar. **Salvar** aqui deve ser interpretado no mesmo sentido de 1:21. Tiago se refere à salvação futura que ainda será desenvolvida por quem nasceu de novo (cf. 1:18 com 21 e também 2 Tessalonicenses 5:23; 2 Pedro 1:5).

[15] Tiago inicia a exposição sobre o mérito da alegação da fé sem obras ou fé não operante com a ilustração de um suposto cristão, **um irmão ou uma irmã**, desprovido das necessidades básicas da vida. Com isto, ele salienta de forma concreta a necessidade da *obra* de fé. O cristão tem o dever de fazer o bem a todos, especialmente aos que pertencem à família da fé (Gálatas 6:10). O amor não deve ser só em palavras, mas também em ações (1 João 3:17, 18). Tiago tinha demonstrado a necessidade das obras de misericórdia para com os pobres

(2:13). **Carecidos de roupa** (João 21:7) indica pouca roupa ou roupas que são praticamente nada. A falta de roupas e comida enfatiza o estado de miséria dessa pessoa. O cristão que não se dispõe a ajudar seu irmão em tamanha carência não tem o amor de Deus (1 João 3:17).

[16] Tiago está pensando num cristão qualquer que diz **ide em paz** expressando uma aparente preocupação com o irmão ou a irmã necessitada. Não devemos concluir que Tiago está dizendo que aqueles que defendem a salvação pela fé somente são os mesmos que agem dessa maneira. Ele está simplesmente usando uma ilustração para mostrar a essas pessoas que a fé expressa só em palavras não tem valor. Muitos dizem e não fazem, assim como muitos procuram a lei perfeita e não obedecem.

Uma expressão de despedida semelhante ocorre em Juízes 18:6; 2 Samuel 3:21 e Atos 16:36. O significado é algo próximo do nosso “passe bem” e indica uma preocupação real com o bem-estar dos necessitados. **Aquecei-vos** significa aquecer-se com boas roupas (Jó 31:20; Ageu 1:6). As palavras de Tiago podem ser assim traduzidas: “Passe bem. Vista-se bem e coma bem”.

O **necessário para o corpo** são, evidentemente, o alimento e as roupas essenciais para se viver. Que valor teria uma saudação desejando bênçãos e palavras de despedida, nesse caso? Além de inúteis, soariam como zombaria. A aplicação ao contexto é apresentada no próximo versículo.

[17] Tiago aplica a ilustração à controvérsia fé *versus* obras. Assim como dar uma resposta ao necessitado desprovida de obras de caridade para nada serve, a fé, **se não tiver obras**, é inútil. “A fé ter obras” significa a fé realizar ou produzir obras. Tiago disse que a perseverança dever ter “ação completa” (1:4); compare com “o medo produz tormento” (1 João 4:18) e “a confiança tem grande galardão” (Hebreus 10:35). Desse modo, Tiago afirma que a fé pode ou não gerar obras ou boas obras, ou pode ser por elas caracterizada. Compare com a “operosidade da fé” de Paulo (1 Tessalonicenses 1:3). A fé que não produz obras ou boas obras não tem valor.

Uma fé que não gera obras é **morta**. Tiago não está contrastando fé e obras, e sim a fé operosa e a fé morta que não é operosa. A fé morta é inativa ou vã (v. 20). Este sentido de **morta** significando “inativa” ou “sem valor” é comum no Novo Testamento: Apocalipse 3:1; Hebreus 6:1; 9:14; Romanos

6:11; 7:8. Tiago diz que esse tipo de fé **por si só** é morta, ou seja, não é capaz de realizar nada. **Por si só** provavelmente significa “enquanto permanecer ou continuar por si só” ou sozinha. Este é o significado comum da expressão grega (cf. Atos 28:16). Enquanto for unicamente **por si só**, a fé não terá valor; no momento em que a fé age, ela deixa de ser sem obras e morta ou inútil.

¹⁸Mas alguém dirá: **Tu tens fé, e eu tenho obras; mostra-me essa tua fé sem as obras, e eu, com as obras, te mostrarei a minha fé.** ¹⁹Crês, tu, que Deus é um só? Fazes bem. Até os demônios creem e tremem. ²⁰Queres, pois, ficar certo, ó homem insensato, de que a fé sem as obras é inoperante? ²¹Não foi por obras que Abraão, o nosso pai, foi justificado, quando ofereceu sobre o altar o próprio filho, Isaque? ²²Vês como a fé operava juntamente com as suas obras; com efeito, foi pelas obras que a fé se consumou, ²³e se cumpriu a Escritura, a qual diz:

Ora, Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça;

e:

Foi chamado amigo de Deus.

²⁴Verificais que uma pessoa é justificada por obras e não por fé somente. ²⁵De igual modo, não foi também justificada por obras a meretriz Raabe, quando acolheu os emissários e os fez partir por outro caminho? ²⁶Porque, assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta.

[18] O significado deste versículo parece claro, mas é difícil explicá-lo mais detalhadamente. Alguns comentaristas entendem que a frase inteira sintetiza a opinião de quem defende o falso ensino da salvação pela fé somente. Outros consideram que a primeira parte constitui um argumento dessa crença, mas consideram que a resposta de Tiago se inicia em “mostra-me”. Nessa visão, o homem é simplesmente um suposto contestador, como em 1 Coríntios 15:35. Outros ainda acreditam que quem fala não é Tiago nem a pessoa da “fé sem obras” do versículo 14. Lenski atribui essa fala a alguém que se dirige aos leitores de Tiago e diz que “tu” (algum cristão) tens fé e “eu” (Tiago) tenho obras. Não parece relevante para o raciocínio proposto definir esse detalhe. É claro que Tiago está refutando a ideia de que uma pessoa pode ser salva de uma maneira e outra pessoa, de uma ma-

neira diferente.

A ideia principal da afirmação **tu tens fé, e eu tenho obras** é que este indivíduo pode se sobressair em uma coisa e aquele em outra, mas isso não significa que ambos não possam ser aceitáveis. Cada cristão tem seus pontos fortes. Um pode ser salvo pela sua fé; outro, por suas boas obras. Huther e outros comentaristas não entendem que essas palavras procedem de um contestador que defende a “salvação pela fé somente”, pois, a esse respeito, o contestador deveria dizer: “Tu tens obras, e eu tenho fé”, em vez de: “Tu tens fé, e eu tenho obras”. Ele entende (assim como Lenski) que a afirmação procede de uma terceira pessoa, diferente de Tiago e do homem do versículo 14. Esse homem poderia dizer ao oponente de Tiago: “Tu tens fé, e eu (Tiago) tenho obras”. De qualquer maneira, Tiago está rejeitando a contestação de que a insistência unilateral na fé ou nas obras é benéfica.

Qualquer que seja o sentido da primeira parte da frase, **mostra-me essa tua fé sem as obras** parece ser a resposta à contestação de que um cristão pode ter fé e outro, obras. O desafio é comprovar a existência de fé sem obras. Mas como? Se um homem me disser que vai me matar, se eu não lhe entregar a carteira, como demonstro que acredito nele? Eu poderia acreditar no que ele disse e avaliar que o conteúdo da carteira era valioso demais para eu entregá-la, porém seria difícil provar minha fé, exceto se obedecesse ao ladrão. Num sentido semântico, alguns argumentariam que a “verdadeira” fé age; do contrário, não é autêntica. Provavelmente não era essa a ideia que Tiago tinha em mente. A fé só é *demonstrável* por meio de obras.

E eu, com as obras, te mostrarei a minha fé é a conclusão lógica e (para Tiago) a única maneira de alguém comprovar a sua fé. Ninguém duvida que o cristão que professa a fé em Cristo e realmente é ativo na produção de frutos em nome de Cristo seja um crente sincero. Ele prova a sua fé através de suas obras. Aquele que se orgulha da sua fé, mas nunca faz nada para demonstrá-la, é posto em dúvida.

O uso da segunda pessoa, **tu**, na refutação a uma ideia, em que o escritor se dirige a um oponente imaginário, parece indicar que Tiago está padronizando seu documento ao estilo grego de diatribe. É, todavia, questionável se Tiago já tinha visto ou ouvido esse tipo de discurso. Existem muitos outros paralelos possíveis. Esse estilo é bem conhecido nos escritos rabínicos. O recurso estilístico

do Antigo Testamento segundo o qual os profetas se reportam aos seus inimigos pode ter servido de modelo para Tiago, se é que ele precisava de um modelo (veja nota em 5:1).

[19] Depois de se reportar ao seu contestador, Tiago se move para o centro da exposição sobre a relação entre fé e obras. Alguns comentaristas supõem que neste primeiro exemplo concreto Tiago contempla a ideia de que todo judeu reivindicaria sua justificação – que ele cria no único Deus de Israel. Não era essa crença no monoteísmo a base da salvação de Israel? Essa era a proposição fundamental da confissão de fé dos judeus ou do Shema, que oravam diariamente: Deuteronômio 6:4; Neemias 9:6; Isaías 45:6; Mateus 23:9; Romanos 3:30; 1 Coríntios 8:4, 6 e Tiago 4:12. Compare com Hermas, *Mandates* I.i.1: “Acredite, acima de tudo, que Deus é um”. Esta é a verdade máxima e fundamental de todas as religiões hebraico-cristãs. Todavia, não basta crer somente nisto.

Tiago não despreza a fé. Vale a pena repetir que Tiago, assim como Paulo, declara que a fé é a base fundamental e meritória da nossa salvação. Tiago nunca menosprezaria a fé ou qualquer alegação em defesa da fé. Quem crê em Deus faz **bem**. Quando permite que a fé cumpra nele o seu dever, o crente está no caminho da salvação; do contrário, ele não é melhor do que os demônios.

Os demônios eram “espíritos malignos” a serviço de Satanás. Eles possuíam pessoas e na era do evangelho eram submetidos ao poder de Jesus e dos apóstolos que agiam em seu nome. Os Evangelhos mostram que eles reconheceram Jesus como o Santo de Deus e ficaram atormentados na sua presença. Os demônios também **creem**. Mas não há evidência de que possam ou de que irão se arrepender ou expressar sua fé a fim de serem redimidos. Se um homem só crê, como pode ser ele melhor do que os demônios? O verbo **tremem** originalmente significava “estremecer” (como Jó 4:14s.). Mas é usado simplesmente para o ato de não ter medo nem reverência (Daniel 7:15). Aqui, pode se referir aos demônios terem medo de serem punidos.

As declarações da Bíblia sobre demônios não devem ser atribuídas a superstições ou doenças mentais. A palavra de Deus afirma que eles existem. Não é mais difícil crer em demônios do que crer em Deus, em Cristo, no Espírito Santo, nos anjos ou no diabo. Veja algumas passagens que mencionam e indicam a existência deles: Lucas 8:30;

Mateus 11:18; Lucas 7:33; João 7:20; 8:48s.; Mateus 12:24. A Bíblia sugere (embora não afirme claramente) que os demônios serão lançados no abismo (Mateus 8:29; Lucas 8:31). Em 1 Timóteo 4:1ss. o ensino falso é atribuído à influência de demônios.

[20] A linguagem aqui empregada evoca quem crê na salvação pela “fé somente” a reconhecer ou admitir a verdade. Tiago está tão confiante na veracidade de sua declaração e na força de seu raciocínio que ele conclama os equivocados a cederem. Na mente de Tiago, o homem que argumenta dessa maneira é **insensato**. Assim, Tiago expõe sua indignação. Deste versículo em diante, Tiago apresenta a prova em favor de seu argumento retrocedendo até a justificação de Abraão.

Sem as obras é uma variação de “a fé que não tiver obras”. Compare com Hebreus 4:15, “mas sem pecado” (sem cometer pecado). Ou seja, uma fé que não se expressa em obras. Os manuscritos variam entre **inoperante** e “morta”, porém “morta” provavelmente é uma alteração feita por um escriba visando à concordância com o versículo 26. **Inoperante** vem originalmente de uma palavra que significa “desocupado” ou “ocioso” (Mateus 20:3, 6; Tito 1:12). Depois, o vocábulo passou a significar “preguiçoso” e “inútil”. Não existe uma conexão com a ideia de fruto. “Inútil” provavelmente é o significado aqui. Compare com 2 Pedro 1:8, “infrutuosos [inútil] no pleno conhecimento de Cristo”. É inútil ter fé se ela não se expressa na obediência. Alguns comentaristas que pensam que Tiago está refutando Paulo sugerem que a expressão ó **homem insensato** se refere a Paulo. Mas Tiago certamente não tinha o ensino de Paulo em mente.

[21] O primeiro exemplo de Tiago é **Abraão**. A menção de Abraão se deve ao seu lugar histórico na Bíblia e também ao fato de ser ele o pai dos judeus. Seu exemplo de fidelidade foi mencionado por escritores judeus. Eclesiástico relata: “Abraão é o pai ilustre de uma infinidade de povos... na provação, mostrou-se fiel” (Eclesiástico 44:20s.). Também encontramos em 1 Macabeus 2:52: “Porventura, não foi na prova que Abraão permaneceu fiel? E não foi isso imputado em justiça?” Essas citações mostram que o exemplo de fé de Abraão era conhecido pelos leitores de Tiago. Os escritores do Novo Testamento também apresentam a fé de Abraão como exemplo (veja Hebreus 11:8ss.; Gálatas 3:6ss.; Romanos 4:3). Como já foi dito, é possível que esse exemplo seja mencionado porque os

judeus sentiam que ser um descendente de Abraão ou um crente ortodoxo era suficiente para a salvação.

Justificado é uma palavra-chave aqui e tinha dois significados gerais: 1) Na forma verbal, significa “vindicar” ou mostrar que o proceder de uma pessoa é sábio ou justo. Este era um significado frequente no Antigo Testamento, onde Deus, ao dar a vitória a Israel numa batalha, justificava o motivo. Compare com Mateus 11:19; Lucas 7:35; 1 Timóteo 3:16. 2) “Ser absolvido ou declarado justo ou inocente, senso assim tratado.” Este é o chamado uso forense ou jurídico da palavra, sendo também frequente no Antigo Testamento: Êxodo 23:7; Deuteronômio 25:1; 1 Reis 8:32; Isaías 5:23; 50:8; 53:11. As passagens do Novo Testamento que empregam esse significado, além de Tiago e Paulo, são Mateus 12:37 e Lucas 18:14.

Os estudiosos geralmente defendem que o primeiro significado é o que Tiago emprega aqui e que ele quer dizer que Abraão foi meramente declarado justo ou mostrou-se justo; que a ação divina em abençoar, escolher e conceder ao patriarca a promessa foi correta por causa do seu ato de oferecer o próprio filho. Mas isso dificilmente faz justiça ao argumento de Tiago. Ele está falando da fé que *salva* (v. 14). Não está contemplando meramente alguém que, já sendo justo ou absolvido, mostra-se ou é declarado justo; a referência é à ação divina de declarar um indivíduo justo.

As palavras **por obras** declaram o fundamento ou razão pela qual Abraão foi declarado justo. Tiago usou o plural como fizera anteriormente (vv. 14, 17, 18) porque ainda está pensando na categoria das coisas pelas quais um crente é salvo (**obras**, juntamente com “fé”), e a oferta de **Isaque** exemplifica isto. Não é a conduta geral de Abraão ou toda a vida que está em questão, e sim um único ato de oferta.

Outros exemplos da fé de Abraão são mencionados: crer na promessa de um filho (Romanos 4:17–21); sair de sua terra natal (Hebreus 11:8–12); sacrificar Isaque pensando que este seria ressuscitado (Hebreus 11:17–19). Nada do que se diz em Gênesis 22:9ss. se refere à “justificação”. Todavia, após a oferta, é pronunciada sobre Abraão a bênção de que a sua semente se multiplicaria e todas as nações seriam abençoadas por meio dele “porquanto obedeceste à minha voz” (Gênesis 22:16–18). Disto Tiago poderia facilmente inferir a bênção da justificação que fora anteriormente vin-

culada à fé (Gênesis 15:6). Mais adiante, Gênesis afirma que as promessas foram reiteradas “porque Abraão obedeceu à minha palavra” (26:5). Tiago, então, pôde ver (ainda que não declare isso especificamente) que o registro do Antigo Testamento indicava que atos de obediência levaram Abraão a outra declaração de justiça perante Deus. Assim, o ato (**obras**) de Abraão é mostrado como a base de sua justificação. Isso não quer dizer que foram somente as obras de Abraão que o salvaram – Tiago não confirmaria isso. Ele só menciona o que foi omitido ou negligenciado por alguns. Os dois elementos operam juntos, como Tiago continua a mostrar.

No grego, a pergunta de Tiago – **Não foi por obras que Abraão,... foi justificado...?** – é introduzida pela partícula negativa na expectativa de uma resposta positiva. Tiago está dizendo de maneira enfática que Abraão foi justificado com base em **obras**.

A oferta de Isaque, conforme já demonstrado, foi a razão ou a causa de uma justificação posterior ou adicional à de Gênesis 15:6. Mas o uso da passagem de Gênesis em Romanos 4:2 e 5 para afirmar que Abraão não foi justificado por obras, e que “ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça” levanta a hipótese de Tiago e Paulo estarem se contradizendo no emprego das palavras **por obras... justificado** e “fé”. Não há como escapar desta questão. Muitos estudiosos alegam que Paulo jamais argumentaria que Abraão foi justificado com base na obra que acompanhou e autenticou a sua fé.

Convém ressaltar que Paulo e Tiago usam a palavra “justificar” no mesmo sentido (embora se refiram a diferentes ocasiões em que se declara justiça). Contudo, evita-se uma contradição quando se percebe que eles usam a palavra **obras** em contextos ou sentidos diferentes. Paulo está pensando nas obras da lei de Moisés como a base da justificação. Observe Gálatas 2:16, 3:11 e 5:4, onde Paulo acrescenta “a lei” à negação de que somos justificados por obras. Ele insiste que a justificação de Abraão foi antes da lei e sem a lei, assim como insistiu (Romanos 4:10ss.) que foi antes da circuncisão. Tiago está pensando em obras de fé ou obediência. Não podemos afirmar que Paulo negaria isso no mesmo sentido que Tiago, pois ele não o negou. Além disso, em Tito 3:5 e 7, Paulo combina ser justificado pela graça (de Deus) com ser salvo

pelo batismo como “o lavar regenerador”. Portanto, não fere o raciocínio de Paulo o fato de uma obra de obediência que emana da fé em Deus ou em Cristo ser a base da justificação.

[22] Esta afirmação poderia muito bem ser uma pergunta, embora não seja possível determinar isto com base no texto original. Ambos os formatos de pergunta e de afirmação fazem sentido neste contexto. O versículo, tal como se apresenta, é uma conclusão à dedução de que Abraão foi justificado por obras ao oferecer Isaque. No caso de ser uma pergunta, Tiago está questionando o leitor se as coisas são mesmo assim. Tiago questiona se o fato de a fé “operar juntamente com as obras” não é provado pelo incidente que acabamos de mencionar. Tiago demonstra a interdependência entre fé e obras. A fé de Abraão “operou juntamente com” ou “auxiliou” suas obras (isto é, para alcançar a justificação almejada). O sentido do verbo é “cooperar com” ou “ajudar”. Paulo usou o termo assim em Romanos 8:28 (cf. também 1 Coríntios 16:16; 2 Coríntios 6:1).

Veja **consumou** ou “aperfeiçoou”, em Lucas 13:32. Tiago não quer dizer que Abraão tinha uma fé imperfeita ou defectiva em si, de maneira que sua fé real só apareceu depois que ele obedeceu ao mandamento de Deus. A fé de Abraão já era real antes disso. Ele quer dizer que a fé de Abraão só foi aperfeiçoada ou se consumou de maneira a fazer por ele o que Deus planejou após seu ato de obediência. A fé de Abraão foi complementada ou ajudada por sua obra de obediência; a fé e a obediência andaram de mãos dadas, sendo aquela fortalecida pelas provas a que foi submetida, até que, na grande prova da oferta de seu filho, ela atingiu a perfeição. A fé e as obras dão uma à outra características que nenhuma possui sozinha. Tiago não ensina “obras somente” mais do que “fé somente”. Existe uma obra de fé (1 Tessalonicenses 1:5; Gálatas 5:6) ou uma obediência por fé (Romanos 1:5; 16:25). Quando ambas se ajudam, a fé atinge seu objetivo – a justificação.

[23] A **Escritura** mencionada é Gênesis 15:6. O que Tiago quer dizer com **se cumpriu**? Alguns dizem que significa “se confirmou” e que essa declaração só foi confirmada na oferta de Isaque, não que a justificação de fato tenha acontecido ali. Todavia “se confirmou” não é um significado que pode ser atribuído ao verbo. Nesse contexto, o verbo se refere ao cumprimento das predições ou promessas de Deus em algum evento futuro.

No Antigo Testamento, era esse o seu significado (1 Reis 2:27). No Novo Testamento, o uso desse verbo é abundante (Mateus 1:22; Lucas 1:20; Atos 1:16); até a promessa de Jesus “se cumpriu” (João 18:9, 32).

É verdade que, tal como ocorre em Gênesis, a frase “e isso lhe foi imputado para justiça” não é uma predição, e sim a declaração de um fato. Mas Tiago deduziu (conforme já demonstrado), com base nas declarações de Gênesis 22:16–18, que a justificação já tinha ocorrido “porque [Abraão] creu”. Huther diz: “Mas, como se notificam fatos que apontam para ações posteriores nas quais eles se consumam completamente, Tiago pôde considerar a justificação uma promessa já cumprida pela ocorrência dessas ações posteriores”. É possível que algo anunciado em determinado momento e parcialmente cumprido nesse momento seja depois completamente consumado. Assim, Tiago propõe que a perfeição da fé de Abraão na oferta de Isaque e a subsequente e implícita justificação cumprem a declaração de Gênesis 15:6 sobre a fé de Abraão e o que lhe foi imputado para justiça. Não há contradição em Paulo ver a justificação ocorrendo também na época de Gênesis 15:6.

Gênesis 15:6 originalmente se referia à fé de Abraão de que ele se tornaria pai de um descendente. Mas também é uma declaração geral da confiança de Abraão exemplificada em toda a sua vida, como comprova Tiago nos acontecimentos subsequentes.

O verbo **imputado** é usado muitas vezes na Septuaginta “para expressar o equivalente a ou o que tem a mesma força e peso de algo supra mencionado” (Knowling). Compare com Isaías 40:17 e Romanos 2:26. Também significa creditar na conta de outro algo que (por direito) não lhe pertence (Salmos 31[32]:2). Qualquer um desses sentidos se encaixa aqui. Deus levou em conta a fé de Abraão, e não a justiça (que Abraão absolutamente não tinha, sendo um pecador); e assim creditou na conta de Abraão a justiça que antes ele não possuía. Isto equivale a dizer, como Paulo (Romanos 4:2ss.), que ele foi “justificado” ou declarado justo. É praticamente o mesmo que “foi perdoado de seus pecados por causa de sua fé perfeita”. Tiago, assim como Paulo, mostra assim a base meritória da salvação do homem. O ponto de Tiago é que esta fé imputada para justiça se cumpriu (pelo menos parcialmente) na oferta de Isaque.

Abraão tornou-se **amigo de Deus** como resul-

tado do exercício de sua fé. Ele só foi **chamado** amigo de Deus (pelo menos nas Escrituras) bem depois (cf. Isaías 41:8; 2 Crônicas 20:7). Ser amigo de Deus foi o resultado da expressão de sua fé ao oferecer Isaque. Ele foi justificado por esse ato e, consequentemente, também foi chamado de amigo de Deus.

[24] Neste versículo Tiago conclui o pensamento que, segundo ele, todos podem entender após sua exposição. Ele demonstrou que a justificação humana requer **fé** e **obras** igualmente. E explicou isto citando o caso específico de Abraão. É claro que as obras decorrentes da fé de Abraão foram a causa da justificação após ter ele ofertado o próprio filho. Foi “porque ele *fez* isso” que veio a bênção. Portanto, “obras somente” não justificam, porém elas cooperam para a justificação.

A “fé somente” não é suficiente para quem deseja ser salvo pela “palavra implantada”, a “palavra da verdade” (Tiago 1:18, 21). A fé “por si só está morta”, “é inoperante” (2:17, 20). Como no caso de Abraão, a fé deve cooperar com as obras, e as obras devem ser concluídas e levar a fé ao seu objetivo final: a justificação. A ênfase está na palavra **somente**. Tiago não poderia negar que a fé justificou Abraão; a própria passagem em que ele mostrou o ato ou obra de oferta de Abraão como “cumprimento” enfatizava que “Abraão creu”. Tiago está contemplando a fé que existe “em si mesma” ou “por si mesma” e sem nenhuma expressão ou obra. Uma vez que essa fé é inativa e “inútil”, ela não pode justificar. Consequentemente, a salvação ou a justificação no sentido de que as obras aperfeiçoam ou consumam a fé ocorre “pelas obras” e não “pela fé somente”. Paulo usa a expressão “fé sem as obras da lei” de uma forma bem diferente, mas em perfeita harmonia com Tiago.

[25] Tiago acrescenta agora o exemplo de um povo que não pertence à família de Abraão. A intenção provavelmente é ampliar o princípio e mostrar que ele também agia fora da família escolhida do Antigo Testamento. O princípio inclui todas as etnias, gêneros e classes socioeconômicas. Paulo argumenta que todo aquele que aceita o princípio da fé pelo qual Abraão foi justificado torna-se, neste sentido, um filho de Abraão, pois este é “o pai de todos os que creem” (Romanos 4:11; Gálatas 3:7–9).

Raabe era uma cananeia, uma mulher caída sob o peso do pecado. No entanto, por crer no Deus de Israel, de quem ela tinha ouvido falar (Josué 2:9ss.) e acolher e proteger os espias, ela “an-

dou nas pisadas da fé que teve Abraão” (Romanos 4:12). Assim se comprova que ela foi aceita por Deus. Raabe está na lista de personagens ilustres do Antigo Testamento (Hebreus 11:31) e aparece na genealogia do próprio Jesus Cristo (Mateus 1:5). Os detalhes dos seus feitos estão registrados em Josué 2 e 6:23. O escritor de Hebreus, assim como Tiago, enfatizou que a fé de Raabe foi demonstrada na sua “obediência” ao acolher os espias. Isto comprova a justificação por obras. A fé de Raabe ajudou ou operou juntamente com as obras e foi aperfeiçoada pelo que ela fez.

[26] Tiago encerra assim este exemplo e conclui o argumento com outra ilustração. **Porque** é acrescentado como uma partícula de conclusão. Estabeleceu-se uma base para reafirmar o que já foi dito sobre **fé** e **obras**. A conclusão é a mesma do versículo 24, porém Tiago repete a declaração do versículo 17 de que “a fé por si mesma, se não tiver obras, está morta” e acrescenta a ela uma ilustração que lhe dá vivacidade.

O **corpo** é o corpo humano, e o **espírito** é o princípio vivificador, como em Eclesiastes 12:7. Quando o espírito deixa o corpo, ele morre e volta ao pó. A partir de então, o corpo nada mais é. Tiago insiste que, sem as obras, a fé está morta. A fé que não se expressa em obras é como o corpo que foi deixado pelo espírito; é um cadáver. O sentido de **morto** aqui é provavelmente o de “infértil” ou “inoperante” no versículo 20; ou seja, “inútil”, sem proveito.

NOTAS SOBRE “A FÉ SOMENTE”

A doutrina da “justificação pela fé somente” tornou-se uma expressão recorrente na teologia denominacional moderna. É um ponto de discórdia. A doutrina denominacional moderna (em alguns grupos) é que na conversão o homem é salvo no instante da fé, quando coloca sua confiança em Cristo como seu Salvador pessoal. Isso leva à negação da eficácia de outros atos de obediência, especialmente o batismo. A Bíblia ensina claramente que o batismo como um ato de fé é uma condição para a salvação ou a remissão de pecados (justificação). Veja Atos 2:38; Marcos 16:16; 1 Pedro 3:21; Atos 22:16. Isso não significa que o batismo seja sacramental no sentido em que geralmente se entendem os sacramentos. Um sacramento (conforme o catolicismo) é um ato que tem eficácia em si mesmo e na validade do administrador (uma pessoa autorizada) e não requer fé por parte daquele

a quem é administrado. Nesse ato, a fé não “opera juntamente”, pois não há fé.

Mas esse uso da expressão “fé somente” não condiz com o significado histórico do termo. Martinho Lutero não quis dizer isso em sua fórmula, e atribuir a ele a consagração do termo no sentido denominacional (como tantas vezes acontece) é uma injustiça. Lutero quis dizer que a fé é a única base meritória de justificação – não obtemos a salvação ou a remissão de pecados sem termos fé no sangue de Jesus. Só há dois meios de salvação, como Paulo os declarou em Romanos 3:27: “o princípio” (lei) da fé e o “princípio” (lei) das obras meritórias (como as prescritas debaixo da lei). Visto que Paulo rejeitou o princípio das obras, segue-se que, fora do princípio da fé, ninguém pode ser salvo. Esta expressão não se originou com Lutero; outros a usaram antes dele. Lutero, porém, defendeu fortemente a tradução de Romanos 3:28: “o homem é justificado sem as obras da lei mediante a fé somente”. Negar isto (para Lutero) seria negar todo o ensino de Paulo e afirmar que alguém pode ser salvo por suas próprias obras sem o Senhor Jesus. Nesse entendimento, Lutero está correto.

Mas o próprio Lutero enfatizou a importância do batismo. Dizem ser dele a seguinte citação: “Somos justificados pela fé somente, mas não pela fé unicamente”. Algumas das coisas mais duras que Lutero já disse foram ditas em uma edição de seu comentário – contra aqueles que negam o lugar do

batismo no Novo Testamento.

Assim, vemos que a expressão “a fé somente” pode ser usada em dois sentidos: *compostamente* como o princípio da justificação, e *analiticamente*, onde o processo de obediência se divide em partes. No primeiro sentido, a salvação é pela “fé somente”; no segundo sentido, é “pelas obras e não pela fé somente”, pois aqui a fé é apenas uma das condições do perdão: “Quem *crer* e for *batizado* será salvo” (Marcos 16:16); “*Arrependei-vos* e cada um de vós seja *batizado*... para remissão dos vossos pecados” (Atos 2:38). Assim, a doutrina da salvação no momento da fé – sem obediência – não é um ensino bíblico e não tem raízes nos reformadores. Suas raízes estão na teologia da experiência de conversão do início dos movimentos de reavivamento. Esse falso ensino põe de lado o ensino claro da Bíblia sobre a doutrina da obediência e das obras ou atos de fé.

É fácil ver, portanto, que não há contradição entre o uso de Paulo da justificação pela fé (somente ou “sem obras”) e o ensino de Tiago de que a justificação se dá pelas obras e não pela fé somente. Paulo está pensando na natureza composta da fé como o princípio da justificação pela fé, e não pelas obras da lei (ou por mérito humano). Tiago está pensando analiticamente na fé como condição de justificação e insiste que ela deve obedecer às condições do ensino de Cristo e se aperfeiçoar ou se consumir em obras.

Autor: J. W. Roberts
© A Verdade para Hoje, 2023
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS